

CATÁLOGO ELETRÔNICO DE PRODUÇÕES BIBLIOGRÁFICAS SOBRE  
EDUCAÇÃO SEXUAL E DE GÊNERO - DÉCADAS DE 1930 A 1985  
Constantina **Xavier Filha** – UFMS  
Agência Financiadora: FUNDECT

O presente texto tem por objetivo descrever o processo de construção do catálogo eletrônico de produções bibliográficas sobre sexualidade, educação sexual e de gênero, publicadas nas décadas de 1930 a 1985, disponíveis em alguns acervos brasileiros. Os acervos consultados *in loco* constituíram-se de bibliotecas de instituições superiores, públicas e particulares, de alguns estados brasileiros e da Biblioteca Nacional. Outros acervos foram consultados via bases informatizadas e em livrarias de livros usados. A referida pesquisa, apesar de não pretender ser um levantamento exaustivo sobre a literatura existente, pretende cumprir com o objetivo de mapear fontes para facilitar a identificação de algumas obras e seu acesso para estudos e pesquisas posteriores, além de analisar e refletir sobre os discursos que foram produzidos e que circularam no espaço brasileiro no período histórico priorizado.

No presente artigo limitamo-nos a descrição do processo de elaboração do catálogo eletrônico a partir dos dados coletados, justificando sua necessidade, destacando o *corpus* da análise da pesquisa e identificando os enunciados veiculados e produzidos pelos livros em questão.

O texto está dividido em duas partes. A primeira relata os aspectos gerais da pesquisa, destacando a coleta de dados e a apresentação dos elementos que compõem o catálogo. A segunda, apresenta algumas análises sobre os manuais de educação sexual e de gênero indicados para as pessoas adultas, crianças e adolescentes/jovens<sup>1</sup>.

O levantamento dos dados priorizou livros editados e publicados em língua portuguesa, no Brasil e em Portugal (desde que disponíveis em acervos brasileiros), no período citado. Justifica-se este período histórico pela emergência de discursos, especialmente das ciências *psi*, acerca da sexualidade – na infância e na adolescência/juventude. Tais discursos criaram e construíram a necessidade de discutir a educação sexual em meio familiar até constituir-se, nos dias de hoje, como propõem os

---

<sup>1</sup> Optou-se em utilizar conjuntamente a expressão adolescente/jovem pois muitos livros, especialmente os publicados nas primeiras décadas do século XX, utilizam-se do termo jovem e não adolescente. Por saber que esses termos tratam-se de categorizações discursivas e sociais cunhamos as duas expressões como sinônimas.

Parâmetros Curriculares Nacionais, no tema transversal Orientação Sexual, em prática sistemática (ou assistemática) em meio escolar.

É premente entender sob quais enunciados e sob quais discursos de saber-poder foram constituídas essas “urgências históricas” na realidade brasileira, de modo que a reflexão sobre a temática possa contribuir para a prática docente, especialmente na formação de educadoras e educadores.

No Brasil, nas décadas de 1920 e 1930, segundo Lopes e Galvão (2001), observou-se um intenso debate provocado pelos/as educadores/as escolanovistas, em torno de artigos e livros como material de uso e leitura em âmbito escolar. Tais propostas foram concretizadas na reformulação de programas de ensino, na criação e na renovação das bibliotecas escolares, na construção de ambientes próprios para a leitura, que chegavam a formular regras para a boa leitura, indicando, por exemplo, a postura corporal correta, além de outras prescrições para o/a leitor/a em relação aos livros considerados “bons” e adequados (LOPES; GALVÃO 2001, p. 58). Este período caracterizou-se pela reflexão e produção de discursos sobre a educação de crianças, especialmente influenciados pelos ideários da Escola Nova, fundamentados em preceitos da Psicologia.

O período, fértil pela profusão de conceitos e por produções bibliográficas sobre a educação de crianças e adolescentes e, conseqüentemente, sobre sua educação sexual e de gênero, caracterizou-se menos pela produção do que pelas traduções de outras línguas. Entretanto, há indicações de registros de discussão e de trabalhos sistematizados sobre educação sexual em escolas desde a década de 20 do século passado. Tais elementos justificam o início do mapeamento de bibliografias na década de 1930, devido aos motivos aqui expostos.

O período que elegemos para nosso trabalho pode ser considerado de profusão, de circulação de discursos acerca da necessidade da educação sexual no contexto brasileiro, que vieram a se tornar preponderantes a partir da década de 80, mais particularmente na de 90, do século XX, devido à epidemia da AIDS, dentre outros fatores. Em razão de várias solicitações e reivindicações - inclusive de muitos movimentos sociais, como o feminista, os de gays e lésbicas -, o resultado foram orientações e direcionamentos para a prática de educação sexual em meio escolar, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), mais especificamente com o tema transversal denominado Orientação Sexual no ano de 1997.

Figueiró (2001) assegura que a década de 80 foi o período mais fértil para estudos na área da sexualidade humana, com significativo aumento de produções acadêmicas, contrariamente ao período anterior, a década de 70, de produção reduzida. Tal constatação é mais um elemento para justificar a delimitação do período histórico a ser estudado, ou seja, a década de 80 do século XX. Inicialmente, a pesquisa se havia proposto como limite o ano de 1980. Com a coleta, porém, evidenciou-se um aumento considerável de produções na primeira metade da década de 1980; por esse motivo, ampliou-se o período até o ano de 1985.

A demanda por educação sexual parece ser, nos dias atuais, algo consensual entre mães/pais/responsáveis, educadoras e educadores. Entre os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), no tema transversal Orientação Sexual, destacam-se como objetivos a problematização, o levantamento e os questionamentos de uma eventual ampliação do leque de informações para o/a aluno/a fazer escolhas no campo da sexualidade. Este mesmo documento, em sua justificativa, apresenta dados do Instituto DataFolha, extraídos de uma pesquisa de junho de 1993, realizada em dez capitais brasileiras. Os dados coletados mostravam que 86% das pessoas eram favoráveis à inclusão da educação sexual nos currículos escolares, comprovando que a educação sexual deveria fazer parte dos temas a serem discutidos em meio escolar. Outra pesquisa (UNESCO, 2004), mais recente e que merece destaque, foi a de 2002, realizada em 27 unidades da Federação, tendo como público docentes de escolas das redes públicas e privadas do Ensino Fundamental e Médio. Dos/as entrevistados/as, das redes pública e privada, 97,9% e 98,5% respectivamente, concordam que a educação sexual e de saúde reprodutiva devem constituir temas a serem tratados na escola. Esses dados, contudo, não eximem as práticas pedagógicas de educação sexual de discussão e conflitos. Há evidências de que em determinados espaços essa temática não é bem-vinda ou não é aceita por familiares e/ou educadoras e educadores, conforme é possível evidenciar em experiências de formação continuada ou mesmo na mídia, o que evidencia que essas questões ainda são permeadas por tensões por fazerem parte de campos de disputa no currículo escolar e pela correlação e relações de poder de discursos religiosos, culturais, sociais, históricos.

O que nos interessa, porém, é entender os elementos que fizeram com que o tema - educação sexual - se tornasse emergente nos discursos e ideários pedagógicos no Brasil: as fundamentações, os enunciados, os direcionamentos sobre a conduta ideal de adultos diante da educação da/para a sexualidade e do gênero de crianças e

adolescentes. Para analisar esses aspectos, privilegamos no catálogo eletrônico os livros sobre as temáticas em questão, pois, como já se observou, esse catálogo visa trazer dados para subsidiar outras pesquisas.

Adotamos como referenciais teóricos para a análise dos discursos veiculados e produzidos pelos livros, bem como o direcionamento para a coleta de dados, os estudos de gênero e os pressupostos foucaultianos.

Como exemplo de conceito basilar para o estudo, tomemos o conceito de sexualidade.

Como propõe Foucault (1996), ele integra uma rede de vários elementos que fazem parte de um conjunto decididamente heterogêneo, que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas; enfim, o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo da sexualidade pode ser pensado como mecanismo de produção de verdade em torno do corpo, seus usos e prazeres. Está ligado a práticas de poder que se aliam a uma vontade de saber e, paradoxalmente, a práticas de não ditos e interdições.

A sexualidade, como dispositivo histórico, então, constitui um conjunto de práticas - discursivas ou não - permeadas por relações de poder. Por constituir-se em uma determinada cultura, a sexualidade, bem como a educação para, configurada em educação sexual (ou orientação sexual, como prevêm os Parâmetros Curriculares), ou mesmo em educação da/para a sexualidade, como prevêm alguns dos livros analisados, e discussões mais contemporâneas, é permeada por elementos culturais e históricos de uma determinada época.

O conceito de gênero, como categoria analítica e como parte da constituição de sujeitos, constitui-se, analogamente, na cultura, ou seja, a inscrição do gênero nos corpos - masculino ou feminino - é um processo decorrente do contexto de determinada cultura. Segundo Scott, “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais com base nas diferenças percebidas entre os sexos” (1995, p. 86). A diferença biológica é socialmente ressignificada, de modo que se construam modelos de relações sociais e, dentre elas, as de subordinação de um gênero a outro. Na perspectiva desta autora, discutir gênero é essencialmente situá-lo nas relações sociais. É na sociedade, nas relações entre as pessoas, que o gênero é criado e estabelecido. É no ambiente social que os sujeitos se fazem homens e mulheres, em um processo continuado e dinâmico, não dado pelo nascimento e a partir daí marcado para sempre. Os seres humanos vão

construindo ativamente suas identidades de acordo com as inúmeras influências sociais, como a da educação que se relaciona à sexualidade e ao gênero, com as quais têm possibilidades de interagir. Este processo identitário não é determinista ou passivo; faz-se com lutas, conflitos e negociações entre aspectos de ordem pessoal e social no processo de constituição de subjetividades.

O conceito de gênero é primordial para o entendimento do objeto deste estudo. Em síntese, parte do entendimento de que gênero é:

construção social feita sobre diferenças sexuais. Gênero refere-se, portanto, ao modo como as chamadas 'diferenças sexuais' são representadas ou valorizadas; refere-se àquilo que se diz ou se pensa sobre tais diferenças, no âmbito de uma dada sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto (LOURO, 2000, p. 26).

A sexualidade, como dispositivo histórico de acordo com a análise de Foucault (1997), e o gênero como categoria analítica, como propõem Scott (1995) e Louro (2000), constituíram os referenciais de análise do presente estudo. Outros conceitos também preponderantes no estudo, são o discurso e a prática discursiva (FOUCAULT, 2003); a heteronormatividade (BRITZMAN, 1996; 1999); a masculinidade hegemônica (CONNELL, 1995); a relação entre sexo-gênero-sexualidade (BUTLER, 2003).

A investigação objetivou, como já vimos afirmando, pesquisar e levantar, em acervos brasileiros, bibliografias com a temática da educação sexual e de gênero na infância e na adolescência; identificar e analisar os discursos produzidos e veiculados pelos livros e manuais selecionados e produzir um catálogo eletrônico (CD-Rom) dos livros selecionados e analisados para subsidiar futuras consultas e/ou pesquisas. Veremos, a seguir, os pressupostos de coleta dos dados e o processo de produção do catálogo para, em seguida, apresentar alguns dados relativos ao estudo.

## **1. A coleta de dados e a produção do catálogo eletrônico**

O levantamento dos dados priorizou livros editados e publicados no Brasil e em Portugal (desde que disponíveis em acervos brasileiros) no período compreendido de 1930 a 1985. A pesquisa de campo iniciou-se em 2006, com um mapeamento das bibliografias<sup>2</sup> em acervos de bibliotecas brasileiras, via internet, em bases

---

<sup>2</sup> A pesquisa teve por base alguns descritores: educação sexual; sexualidade; sexo; sexual; sexualidade infantil; sexualidade na infância; sexualidade na adolescência; educação para meninas; educação para

informatizadas. Concomitantemente, produziram-se fichas de análise e fichas descritivas de livros para compor o catálogo e sua análise. Posteriormente, realizou-se uma pesquisa *in loco* em alguns acervos de bibliotecas, públicas e privadas, e em livrarias de livros usados. Nova pesquisa foi realizada com o intuito de reorganizar os dados coletados, finalizando com a consulta ao acervo da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Os livros encontrados nas livrarias de livros usados - sebos - eram comprados; os demais foram fotocopiados, fotografados, copiados manualmente ou deles se digitaram excertos. Na análise dos dados, produziram-se tabelas e fichas de análise para a elaboração do relatório final do estudo. No total, coletaram-se 361 títulos.

A elaboração do catálogo, em formato de CR-Rom, foi realizada concomitantemente à análise dos dados e ao preenchimento dos instrumentos, no entanto, somente foi finalizada ao término da coleta e análise dos livros. Dados descritos nas fichas de análise serão disponibilizados nesse instrumento com o intuito de facilitar o trabalho de pesquisadoras e pesquisadores que se interessem pela temática.

A composição do catálogo eletrônico (CD-Rom) contou com os seguintes elementos descritivos, extraídos dos livros consultados e coletados no trabalho de campo: lista dos títulos dos livros (ficha catalográfica); imagem da capa; sumário e indicativos da localização em alguns acervos brasileiros.

O catálogo é um instrumento que visa a auxiliar a busca de dados sobre as temáticas da sexualidade e de gênero. A realização de pesquisas-instrumentos, como esta, pode contribuir para localizar e sistematizar dados ou informações. Catani e Souza (1994) ressaltam que pesquisas que têm como objetivo subsidiar o trabalho de outros/as pesquisadores/as constituem excelente iniciativa para a superação das limitações no que diz respeito ao acesso a fontes, especialmente em um país de tamanho continental como o nosso. Estes são alguns dos motivos que têm motivado este tipo de produção de pesquisas-instrumentos, cujo produto são catálogos, banco de dados, repertórios, etc. Estes instrumentos tornam-se importantes, sobretudo, para facilitar o trabalho de pesquisas na área.

Este tipo de pesquisa ganha terreno nos estudos e pesquisa em História da Educação. Citam-se, como exemplos, o repertório analítico de Pierre Caspard (1981), na França, e de António Nóvoa (1993; 2005), em Portugal. No Brasil, merece destaque o repertório analítico realizado por Denice Catani e Cinthia de Souza (1994), com

---

meninos. Foram consultadas bases informatizadas das bibliotecas de todas as universidades federais e de algumas instituições particulares, além dos dados do acervo digital da Biblioteca Nacional.

levantamento e localização da imprensa periódica educacional paulista. É com o objetivo de produzir um instrumento que possa estimular pesquisas nas interfaces gênero-sexualidade-educação, além de fortalecer o campo de pesquisas nessas áreas, que se elaborou o “Catálogo Eletrônico de bibliografias sobre educação sexual e de gênero – 1930 a 1985”.

O referido catálogo, apesar de não pretender ser senão um instrumento para auxiliar o trabalho de pesquisadoras/es, tem como objetivo mapear alguns livros dispostos nos acervos consultados. Por isso, mesmo não oferecendo dados completos ou exaustivos sobre seus objetos, não deixa de constituir um mapeamento de algumas fontes que permitem facilitar a identificação e o acesso de algumas obras para estudos e pesquisas posteriores.

## **2. As bibliografias coletadas: algumas análises**

Os 361 títulos consultados e catalogados apresentam algumas diferenças quanto ao público a que se destinam. Estabelecem-se dois tipos de público: o infanto-juvenil e o adulto.

Os livros infanto-juvenis encontram-se em número reduzido. Já o público adulto, como leitor privilegiado, tem à disposição uma profusa produção bibliográfica. Dentre os livros, há os que são totalmente dedicados à temática da sexualidade e da educação sexual na infância e na adolescência; outros tratam das maneiras de se cuidar e de se educar crianças e adolescentes. Com exceção das enciclopédias, consideramos “manuais<sup>3</sup>” os livros direcionados aos adultos que tenham o intuito de indicar a conduta ideal para se lidar com as manifestações de sexualidade de crianças e adolescentes, bem como o de educá-los/as em relação à sexualidade e ao gênero. Os manuais apresentam, fundamentados nas ciências médicas e *psi*, a discussão sobre o que pode entrar na ordem do discurso quando a questão é educação sexual e de gênero na família ou na instituição educativa. A tônica destes livros é orientar a conduta de adultos no tocante às formas e estratégias da educação sexual/gênero de crianças e adolescentes. Estes

---

<sup>3</sup> Segundo o dicionário Houaiss, *manual* pode significar, dentre outros sentidos: 1. referente a mão; 2. fácil de manusear, maneiro, cômodo; que se pode mover ou transportar facilmente com as mãos; leve, portátil. Correia e Silva (2002) ressaltam outro conceito, qual seja, o de “livro pequeno e portátil que contém os ritos”. O conceito que utilizamos neste estudo é o de livros que contêm rituais de conduta, que é o empregado pelos/as autores/as citados/as.

manuais também podem ser encontrados entre os “manuais de puericultura<sup>4</sup>”, por apresentarem indicativos de como se devem educar crianças e adolescentes/jovens e cuidar deles/as. Estes livros priorizam enunciados fundamentados em discursos de saber-poder, privilegiando um conjunto de noções e técnicas voltadas ao cuidado médico, higiênico, nutricional, psicológico, sexual, etc., das crianças, desde a gestação até a puberdade ou a adolescência.

Do material bibliográfico<sup>5</sup> coletado, um dos primeiros dados de análise a destacar é o ano em que foram publicados. Livros com as temáticas da sexualidade, educação sexual e educação de gênero de crianças e adolescentes são encontrados em todas as décadas priorizadas neste estudo. A década de 1960 é a mais fértil nesse tipo de produção.

Outro dado refere-se aos títulos dos livros. Há os que trazem como título ou subtítulo o enunciado “educação sexual”. Estes, 67 ao todo, trazem como tema a intenção de discutir a educação sexual. Alguns trazem a questão da educação sexual como uma “problemática” a ser enfrentada por pais, mães e educadores/as ou se preocupam com a (des)educação sexual a que crianças e adolescentes/jovens estão submetidos/as; outros, todavia, demarcam o campo da normatização (normas e regras) sobre como se devem educar sexualmente esses públicos.

Os discursos encontrados nos manuais publicados entre as décadas de 1930 e 1950 apresentam a preocupação com a educação sexual das crianças e jovens e, especialmente, com a educação dos adultos no sentido de que a eles compete educar o público infanto-juvenil. A análise das obras deste período revela que são, em sua maioria, direcionadas aos adultos (pais/mães, educadores/as, médicos/as e/ou padres). Algumas delas são dirigidas aos/às jovens, instigando-os a uma espécie de auto-educação. A produção discursiva presente nestas obras indica a emergência da educação da sexualidade e do gênero das crianças e dos/as jovens pelos/as adultos/as como responsáveis pela possibilidade de uma vida sexual “saudável” no futuro delas. Os/as

---

<sup>4</sup> Puericultura, no dicionário Houaiss, apresenta-se sob dois significados: a) ciência que reúne todas as noções (fisiologia, higiene, sociologia) suscetíveis de favorecer o desenvolvimento físico e psíquico das crianças, desde o período da gestação até a puberdade; b) conjunto de noções e técnicas voltadas para o cuidado médico, higiênico, nutricional, psicológico, etc., das crianças pequenas, da gestação até quatro ou cinco anos de idade. Dos livros analisados, alguns apresentam indicativos de como cuidar e educar sujeitos até a adolescência.

<sup>5</sup> Bibliografias da década de 1930: 24 títulos; bibliografias da década de 1940: 33 títulos; bibliografias da década de 1950: 44 títulos; bibliografias da década de 1960: 103 títulos; bibliografias da década de 1970: 93 títulos; bibliografias da década de 1980: 60 títulos; sem data: 4.



autores/as dos livros propõem a educadores/as, e adultos em geral, reflexões sobre os possíveis fracassos futuros das crianças caso não sejam orientadas de acordo com os preceitos de uma educação sexual indicados em cada obra.

Os livros foram agrupados segundo as tipologias<sup>6</sup> direcionadas a cada público-alvo: enciclopédias, infanto-juvenis; manuais (livros em geral e os de puericultura). Há livros direcionados a adultos e a crianças e adolescentes/jovens. Estes foram agrupados como manuais/infanto-juvenis. Observamos que os manuais constituem a maioria dos livros. Somando-se os manuais aos de puericultura, temos um total de 264 livros. Podemos, portanto, perceber que sua orientação é privilegiar os adultos para a tarefa de educar sexualmente crianças e adolescentes.

Os livros-manuais, coletados no estudo, apresentam como características, conforme já citamos, indicações sobre como os adultos devem se portar diante das manifestações de sexualidade das crianças e adolescentes. Por esse motivo, analisamos seus discursos, buscando entender como organizam enunciados e linguagem. Buscou-se observar quem fala nesses livros, quais as fundamentações teóricas; quais discursos são legitimados e que outros rejeitados, visando identificar o tipo de sujeito sexuado que eles pretendem formar e o conceito de educação sexual priorizado.

Das produções coletadas no estudo, destaca-se o paulatino aumento das publicações para o público infanto-juvenil. Apesar de esses livros não constituírem a maioria, eles passam a ter um aumento de publicação especialmente a partir da década de 1970. Os livros infanto-juvenis com a temática da educação sexual também servem de manual para que a própria criança, ou o/a adolescente/jovem, possa se auto-analisar e adotar condutas consideradas “normais”, ou “corretas”, para a construção de sua identidade, dentre elas a sexual e a de gênero.

Dos 361 livros coletados, 34 foram editados em Portugal. Desses, três<sup>7</sup> não são traduções. Apesar de não ser um número expressivo diante do total da bibliografia coletada, cerca de 9% do total, é importante salientar sua circulação no Brasil. Os livros, em sua maioria, são manuais, seguidos de manuais/infanto-juvenis, direcionados conjuntamente para o público adulto e o infanto-juvenil.

---

<sup>6</sup> Enciclopédia: 9; enciclopédia infanto-juvenil: 7; infanto-juvenil: 64; manual: 224; manual infanto-juvenil: 17; puericultura: 40.

<sup>7</sup> São eles: CORREIA, Maria da Natividade Pinheiro. Educação sexual. Coimbra, PT: Coimbra Editora, 1951; PLANCHARD, Emile. Introdução à psicologia das crianças. 3 ed. revista e actualizada. Coimbra, PT: Coimbra Editora, 1960; e VIANA, Mário Gonçalves. Psicologia da criança. Porto; PT: Editorial Domingos Barreira, s.d. [Coleção Biblioteca de Cultura Portuguesa n. 5].

Os livros, fontes da presente pesquisa, apresentam-se como instrumentos úteis de dispositivos pedagógicos capazes de orientar adultos diante do cuidado e educação da criança. Também se configuram com o intuito de educar as próprias crianças/adolescentes/jovens a partir da auto-educação, mediada pelos livros infanto-juvenis.

Um dos critérios para a seleção das fontes para a presente pesquisa tem sido o fato de as próprias obras apresentarem orientações relativas à sexualidade na infância e na adolescência e aos indicativos de sua educação, além de veicularem e produzirem discursos de saber-poder fundamentados em ciências biológicas, médicas, psicológicas e pedagógicas. A linguagem impositiva, normativa e prescritiva, constitui um dos elementos fundamentais desse dispositivo pedagógico que faz com que os manuais e livros infanto-juvenis se tornem instrumentos privilegiados. A criança, especialmente, é tomada como objeto de conhecimento. Passa a ser esquadrinhada, medida, estudada, hierarquizada, homogeneizada. Este procedimento estabelece divisões, atribui rótulos e fabrica a criança “normal”. Todas as demais características diferenciadoras, portanto, então, passam a ser objeto de educação, intervenção médica, aceitas ou extirpadas de acordo com regras ou normas disciplinares produzidas a partir do estabelecimento de parâmetros de normalidade. Essas práticas discursivas obedecem a um certo ordenamento, ou seja, os enunciados obedecem a regras entre o que pode ser dito e o que é interdito.

O que pôde entrar na ordem do discurso, nas fontes analisadas, em linhas gerais, refere-se à delimitação de condutas diferenciadas e idealizadas para meninas e meninos; à determinação da abordagem biológica em relação à sexualidade. Temáticas como homossexualidade e formas diferenciadas de vivência de masculinidades e feminilidades são simplesmente ignoradas nos manuais e livros infanto-juvenis consultados.

A educação da sexualidade da criança, na maioria dos manuais estudados, encontra o seu *locus* no corpo. Este corpo é dissecado em indicativos quanto às suas medidas, estabelecidas de acordo com o desenvolvimento cronológico e biológico, do controle dos esfíncteres e da forma como devem expressar a sexualidade. Um dos elementos a destacar é a prática do auto-erotismo na infância. Os discursos dividem-se entre os que consideram esta prática “normal”, com fundamentação na Psicanálise, dos outros que a consideram uma anomalia, especialmente quando esta prática parece ser

exacerbada. Baruch (1961), uma das autoras priorizadas na pesquisa, analisa esta questão:

Talvez, sem pensar, dizemos: “Sem vergonha”, ao pequerrucho, quando toca certas partes de seu corpo. Ou, se não dizemos, talvez demonstremos censurá-lo. Então, certamente, o pequeno estará prestes a sofrer. Começa, sem dúvida, a sentir que é sórdido. Tocar seu corpo não lhe fará mal. Gente de todo o mundo tem feito isso e veio a ser homens e mulheres saudáveis. Isto não significa que a criança está no caminho da insanidade ou de outra espécie de debilidade. Mas se, enquanto o faz, nós a fazemos sentir-se sórdida, então isto realmente a prejudicará. Debilitará sua autoconfiança e levá-la-á a ser uma pessoa menos feliz (p. 40).

A autora indica qual a conduta esperada de adultos diante da prática de autoerotismo da criança. Os efeitos de uma educação controladora neste quesito poderiam acarretar, segundo ela, danos psicológicos e sociais. Destaca-se a linguagem impositiva e normativa que adota ao falar das questões consideradas saudáveis e os efeitos de uma educação limitadora diante da prática erótica da criança.

Os manuais, utilizando a linguagem das ciências médicas e *psi*, levantam a discussão sobre o que pode entrar na ordem do discurso quando a questão é a educação sexual de crianças. Foucault (2003) analisa a ordem do discurso e observa o ritual utilizado para revestir os ditos com característica de verdade. Os discursos obedecem a regras, nem sempre inteiramente perceptíveis, especialmente porque o discurso é prática e não um conjunto de signos e palavras com fins de mera comunicação. O discurso privilegiado e produzido pelos manuais é legitimado pelas ciências médicas e psicológicas. Muitos dos manuais analisados apresentam a sigla “dr” para legitimar e demarcar o discurso de saber-poder. Dentre os analisados, um, de autoria brasileira - o do dr. Odilon de Andrade Filho -, é um exemplo da demarcação de relação de poder que se estabelece até mesmo na capa do livro, evidenciando como se organiza a ordem do discurso nestes livros.

Dentre as temáticas salientadas nos manuais analisados, privilegiadas para entrar na ordem do discurso, destacam-se as seguintes: educação sexual; educação do corpo infantil; masturbação infantil; educação de gênero. Em todas elas, no entanto, há indicativos e prescrições de como os adultos devem proceder para educar as crianças/adolescentes e jovens e cuidar deles/as em todos os aspectos, dentre eles, o biológico, o psicológico e o social e, especialmente, o sexual.

Os livros infanto-juvenis, fontes de estudos da pesquisa, apresentam algumas características comuns à dos livros-manuais: linguagem impositiva, normativa, direcionada aos interesses do público-alvo; fundamentação nos preceitos da biologia, psicologia/psicanálise e moralismo religioso; instigam a reflexão do/a leitor/a visando a conduzir sua conduta de forma idealizada e normalizada na perspectiva heteronormativa.

### **3. Considerações finais**

A pesquisa ora apresentada, cujo produto foi a elaboração do catálogo eletrônico para subsidiar novas pesquisas nas temáticas sobre os temas sexualidade, educação sexual e de gênero no período de 1930 a 1985, possibilitou-nos entender alguns elementos que fizeram com que a educação sexual – familiar e no meio escolar - pudesse emergir como uma necessidade nos últimos anos.

A construção do sexo-discurso, ou melhor, a produção discursiva que nos afetou nos últimos três séculos como indicam os estudos foucaultianos, podem explicar a verdadeira eclosão e emergência da temática da educação sexual em bibliografias específicas para adultos - para instrumentalizarem suas ações e condutas diante das manifestações de sexualidade de crianças e adolescentes - e para as próprias crianças, adolescentes e jovens sobre como “conduzir” sua própria sexualidade. A “concepção adultocêntrica” impera na maioria dos conteúdos dos livros e da própria relação de poder que se estabelece. Ela é que estabelece quando e mediante quais enunciados a educação sexual, ou educação para a sexualidade, deve desenvolver-se; em que momento o adulto decidirá a hora certa da educação sexual; qual a linguagem e com quais objetivos se deve proceder a essa educação. Estabelece um tempo ideal em que esta educação deve ocorrer e que conceitos devem ser priorizados.

Os livros infantis e os assim chamados manuais para pais, mães e/ou responsáveis são importantes artefatos culturais a se utilizar como objetos de estudo, especialmente para observar a emergência da temática nas últimas décadas do século passado. É neste contexto que os livros analisados se mostram instrumentos férteis de dispositivos pedagógicos para os fins de educar a família e disciplinar suas condutas.

Os manuais analisados apresentam uma linguagem direta ao se dirigir ao leitor ou leitora. Seus textos são curtos; em muitos casos, estruturam-se com perguntas e respostas. Mostram-se como verdadeiros “companheiros” das mães inexperientes, ávidas por informações sobre questões biológicas e psicológicas do desenvolvimento infantil, conforme é possível observar em seus prefácios. Os textos pretendem dialogar com a leitora e buscam entendê-la em sua função de educar as crianças e cuidar delas. Vale ressaltar que esta função, segundo estes livros, é predominantemente feminina, apesar de utilizarem a linguagem do masculino padrão.

Ao analisar os discursos dos livros, observa-se que algumas questões eram ditas e outras não. Esse é um aspecto relevante, especialmente discutido pelos estudos de Michel Foucault, mais precisamente no livro “A ordem do discurso” (2003). O autor ressalta que os discursos são produzidos de modo a que alguns possam dizer algo e outros, calarem-se. Em outra obra, “História da Sexualidade I: a vontade de saber” (1997), o autor ressalta as constituições discursivas ao afirmar que:

não se deve fazer a divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que formas de discricção são exigidas de uns e outros. Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apóiam e atravessam os discursos. (p. 33)

Foucault (2003) analisa o discurso como um campo de contradições e de disputas de poder. É possível observar tal aspecto nos discursos priorizados pelas fontes de nosso estudo. O que se deve ressaltar é que os que se encontram nos livros analisados, apesar de algumas divergências e contradições, têm como fundamento normatizar as condutas e disciplinar adultos, jovens e crianças a procederem à educação sexual a partir do que as ciências e a moralidade consideravam como “normal e saudável” para a vivência da sexualidade-feminilidade/masculinidade da época. Esses elementos, portanto, devem ser alvo constante de estudo e vigilância.

O que se pretendeu enfatizar neste estudo, em síntese, é como se organizam os enunciados e a linguagem encontrados nas fontes do período referido, que visavam sobretudo a orientar as condutas de adultos diante das perguntas de crianças e adolescentes a respeito de sua educação sexual e de sua própria auto-educação. A linguagem priorizada, perceptível na maioria dos casos, lembra um receituário de como atuar diante das “inoportunas” perguntas das crianças ou dos comportamentos

desejáveis ou indesejáveis diante da sexualidade. Estes elementos constituem o dispositivo pedagógico que os livros-manuais pretendem desenvolver na educação da família ao indicar a conduta ideal de adultos, crianças e adolescentes. As questões relacionadas ao corpo sexuado de meninas e meninos e sua educação de gênero aparecem como elementos fundamentais para a educação e o cuidado da prole. Os referidos livros pretendem produzir uma infância/adolescência “normal”, propondo um desenvolvimento infantil e adolescente e/ou da juventude a partir de determinantes biológicos, médicos, psicológicos e sociais e, sobretudo, morais. Os enunciados de normalidade pretendem legitimar um discurso de saber-poder em base ao que se considera a “verdade”, sobretudo, na educação de crianças.

### Referências:

- BARUCH, D. W. *Compreender para educar*. 2 ed. Tradução de Maria Lúcia do Eirado Silva. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultura, orientação sexual*. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRITZMAN, D. O que é esta coisa chamada amor. *Educação & Realidade*, 21 (1), jan./jun. 1996.
- BRITZMAN, D. Curiosidade, sexualidade e currículo. In LOURO, G. L. *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero*. RJ: Civilização Brasileira, 2003.
- CASPARD, P. *Presse d'éducation et d'enseignement du XVIIIe. Siècle à 1940 – à propos d'un repertoire*. Paris, INPR/ Edition du CNRS, 1981.
- CATANI, D. B. *A geração de instrumentos de pesquisa em história da educação: estudos sobre revistas de ensino*. São Paulo: EDUSP, 2001.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. *Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio*. 2 ed. Londrina: Ed. UEL, 2001.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 12 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1997.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LOPES, E. M. T; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *História da educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LOURO, G. L. *Currículo, género e sexualidade*. Lisboa, PT: Porto Editora, 2000.

NÓVOA, António. *A imprensa de Educação e Ensino – Repertório Analítico (Séculos XIX e XX)*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1993.

NÓVOA, A. *Evidentemente*. Histórias da educação. Lisboa: ASA, 2005.

SCOTT, J. Género: uma categoria útil de análise histórica. Porto Alegre: *Educação e Realidade*, v. 20, nº 02, jul./dez., 1995.

SOUZA, C.; CATANI, D. B. A imprensa periódica educacional e as fontes para a história da cultura escolar brasileira. São Paulo: *Revista Inst. Est. Bras.*, n. 37, 1994.

UNESCO. *O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam*. São Paulo: Moderna, 2004.